ISSN: 2358-8829

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E AUDIOVISUAL NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Rodrigo de Souza Pain[1]
Walace Ferreira[2]

INTRODUÇÃO

A incorporação de recursos audiovisuais ao cotidiano escolar tem adquirido centralidade crescente nos debates contemporâneos sobre práticas pedagógicas inovadoras, especialmente no campo das Ciências Humanas, em particular na Sociologia. Em um contexto marcado pela expansão da cultura digital e pela predominância da comunicação imagética na vida social, o cinema e o curta-metragem configuram-se como instrumentos privilegiados para mediar processos de ensino-aprendizagem que dialoguem com as experiências, repertórios e formas de sociabilidade dos estudantes. Assim, compreender o papel formativo do audiovisual implica reconhecer a escola como espaço que também deve responder às transformações tecnológicas e culturais do mundo contemporâneo, reposicionando o professor como mediador de linguagens múltiplas e desafiado a construir práticas capazes de integrar criticamente imagem, narrativa e conhecimento sociológico.

É importante dizer que trabalhar com produtos audiovisuais não significa apenas utilizá-los como suporte ilustrativo para conteúdos previamente definidos, mas considerá-los enquanto textos culturais que expressam visões de mundo, disputas simbólicas, marcas de desigualdade e possibilidades de intervenção social. A leitura crítica de filmes e curtas permite tensionar naturalizações, estimular a reflexão sobre processos sociais complexos, ampliar o repertório dos estudantes e favorecer a participação ativa na interpretação das dinâmicas que conformam a vida coletiva. Ao mesmo tempo, o engajamento com o recurso audiovisual demanda que a escola desenvolva práticas sistemáticas de alfabetização midiática, uma vez que a presença constante de imagens no cotidiano não garante, por si só, a formação de um olhar analítico ou sensível às nuances da produção simbólica.

É nesse horizonte que se inscreve o projeto de extensão “Cinema, curta-metragem e o ensino da Sociologia na Educação Básica”, desenvolvido na Universidade do Estado

[1] Professor Associado de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). rodrigo.pain@gmail.com
[2] Professor Associado de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). walaceuerj@gmail.com

do Rio de Janeiro (UERJ) desde 2018, cujos autores são membros. O projeto parte do pressuposto de que a linguagem cinematográfica possui não apenas potencial motivador, mas sobretudo capacidade de problematização crítica quando articulada de forma planejada ao currículo da Educação Básica. A proposta aposta na potência de filmes e curtas como disparadores de questões sociológicas, capazes de fomentar debates sobre identidade, desigualdade, cidadania, violência, raça, gênero e outras dimensões estruturantes da vida social.

O objetivo central da iniciativa consiste em fortalecer o cinema como recurso didático estruturante, capaz de dinamizar as práticas docentes e tensionar a reprodução de modelos tradicionais de ensino centrados exclusivamente na exposição oral e no livro didático. Ao propor atividades de formação para licenciandos e ações diretas em escolas públicas, o projeto busca aproximar universidade e educação básica, estimular a experimentação pedagógica e contribuir para a consolidação de metodologias que valorizem o protagonismo estudantil, a leitura crítica de imagens e a construção coletiva do conhecimento sociológico.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, estruturada em três procedimentos metodológicos complementares: revisão bibliográfica, pesquisa documental e trabalho de campo. A revisão bibliográfica contempla estudos sobre audiovisual, educação, ensino de Sociologia e alfabetização midiática, buscando fundamentar teoricamente a utilização do cinema e dos curtas-metragens como recursos pedagógicos na Educação Básica. A pesquisa documental compreende a análise de registros e materiais produzidos no âmbito do projeto de extensão “Cinema, curta-metragem e o ensino da Sociologia na Educação Básica”, desenvolvido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desde 2018, incluindo, conforme a disponibilidade, relatórios, planejamentos pedagógicos e registros das atividades realizadas. O trabalho de campo, por sua vez, envolve o acompanhamento das ações extensionistas e das práticas pedagógicas desenvolvidas em articulação com a Educação Básica, permitindo observar as formas de utilização dos recursos audiovisuais, a participação dos estudantes e os desafios de sua incorporação ao ensino de Sociologia. A análise articula os referenciais teóricos aos documentos examinados e às experiências de campo, buscando identificar as potencialidades e os

limites do audiovisual na formação docente, na aproximação entre universidade e escola pública e no desenvolvimento da leitura crítica da realidade social.

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO

Ao serem integrados ao cotidiano escolar, filmes, vídeos e documentários tornam-se mediadores para a discussão de fenômenos sociais amplos, favorecendo a construção de leituras sociológicas sobre temas contemporâneos e históricos. Tal perspectiva permite minimizar lacunas ainda presentes em diversas escolas públicas, muitas vezes marcadas por limitações estruturais e pela ausência de práticas pedagógicas que dialoguem com a cultura audiovisual que já constitui parte significativa da vida dos estudantes. Assim, o projeto busca construir uma ponte entre universidade e escola, promovendo a circulação de saberes, a troca de experiências e a ressignificação dos modos de ensinar Sociologia.

Refletir sobre o uso pedagógico do audiovisual implica, necessariamente, uma discussão mais ampla sobre o papel do professor na mediação do conhecimento. A docência não se restringe à transmissão de conteúdos, mas envolve a produção de saberes profissionais, a interpretação das realidades escolares e a construção de estratégias didáticas contextualizadas. Entretanto, esse processo ocorre em meio a condições adversas: desvalorização social da profissão, precarização das estruturas escolares, ausência de políticas continuadas de formação e a sensação recorrente de isolamento que marca o cotidiano de muitos educadores.

Diante desse cenário, o projeto de extensão surge como espaço formativo e de apoio, no qual docentes da escola básica e licenciandos da UERJ podem refletir coletivamente sobre práticas pedagógicas, problematizar desafios e elaborar propostas que rompam com dinâmicas solitárias de trabalho. Abaixo relato de uma docente de escola pública da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), que recebeu o projeto para uma atividade em 2023:

> Quando recebi o projeto na escola, confesso que estava exausta. A rotina, a burocracia e a falta de estrutura já tinham me tirado o brilho de muitas iniciativas. Mas a presença dos licenciandos e a proposta de trabalhar o cinema de forma crítica reacenderam algo que eu já não sabia mais nomear. Vi meus alunos, que muitas vezes chegam desmotivados ou descrentes, reagirem de maneira diferente diante das imagens. Eles perguntavam, questionavam, discordavam. Era como se o audiovisual lhes devolvesse a possibilidade de interpretar o mundo com a autonomia que tantas vezes lhes é negada. Esse projeto me lembrou que ensinar Sociologia não é sobreviver ao

> cotidiano escolar, mas encontrar brechas para reinventá-lo (Professora de Sociologia (Rede Estadual, 14 anos de carreira).

A interação entre universidade e escola, nesse sentido, não apenas qualifica a formação inicial dos futuros professores, mas também contribui para a renovação das práticas docentes e para o fortalecimento do ensino de Sociologia como campo crítico e interdisciplinar.

O cinema, enquanto linguagem artística e tecnológica, não deve ser compreendido apenas como entretenimento, mas como um potente recurso pedagógico capaz de ampliar a mediação docente e favorecer processos significativos de aprendizagem. Como observa Napolitano (2009), o cinema constitui uma forma privilegiada de leitura do mundo social, permitindo ao estudante articular sensibilidade estética, percepção histórica e reflexão crítica. Na escola que recebeu o projeto para uma atividade em 2023, um estudante nos relatou:

> Eu nunca tinha parado para pensar que um filme podia explicar coisas da vida real. Na escola a gente sempre vê tudo muito separado: uma matéria fala de uma coisa, outra matéria fala de outra. Mas quando os estagiários vieram e mostraram o filme e depois conversaram com a gente, parece que as coisas se juntaram. Comecei a ver que o jeito que a sociedade funciona não é normal, é construído. Fiquei até pensando mais sobre as regras que a gente segue sem perceber. Foi a primeira vez que senti que eu conseguia entender Sociologia de verdade (Depoimento de um estudante do segundo ano do ensino médio).

As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2006) indicam que o trabalho pedagógico em Sociologia pode ser organizado a partir de três eixos principais: conceitos, temas e teorias. O primeiro eixo, “conceitos”, refere-se ao desenvolvimento de instrumentos analíticos que permitam ao estudante compreender de modo racional e sistemático a realidade social. Contudo, a mera apresentação conceitual pode gerar distanciamento e abstracionismo, sobretudo quando os estudantes não conseguem relacionar tais conceitos às suas próprias experiências.

O segundo eixo, “temas”, enfatiza a mobilização de questões concretas e situações do cotidiano dos alunos, permitindo que os conteúdos escolares se tornem mais significativos. Como apontam Candau e Sacristán (2013), a aprendizagem se potencializa quando vinculada às experiências socioculturais dos sujeitos. A abordagem temática amplia a motivação dos estudantes, especialmente quando envolve assuntos de atualidade e debates públicos, mas exige, por parte do professor, sólida formação teórico-analítica e capacidade de relacionar macroprocessos sociais e realidades locais.

ISSN: 2358-8829

O terceiro eixo refere-se às "teorias", entendidas como modelos explicativos que permitem aos estudantes compreender as bases epistemológicas e analíticas das ciências humanas. Moraes e Guimarães (2010) destacam que, na educação básica, a apropriação teórica precisa ser mediada por recursos didáticos que aproximem o conteúdo da realidade discente, evitando um discurso excessivamente acadêmico e distante do cotidiano dos jovens.

Nesse sentido, o cinema e o curta-metragem tornam-se instrumentos privilegiados para articular conceitos, temas e teorias. O uso de produções audiovisuais possibilita aproximar abstrações teóricas de situações vividas ou observáveis, ao mesmo tempo em que estimula análises críticas e interpretações múltiplas. Para C. Wright Mills (1982), recursos que ampliam a imaginação sociológica permitem ao estudante "usar a informação e desenvolver a razão", de modo a compreender tanto os processos sociais amplos quanto sua própria experiência no mundo (MILLS, 1982, p. 11). A imaginação sociológica é exatamente a compreensão de que aquilo que experimentamos individualmente não é apenas fruto de escolhas ou características pessoais, mas está profundamente vinculado a forças sociais, políticas e econômicas que moldam nossas vidas. Entendemos, assim, que o trabalho pedagógico audiovisual pode colaborar significativamente na direção da produção da imaginação sociológica.

O filme constitui uma representação sobre a realidade, e não um espelho neutro dos fatos. Conforme argumenta Engerroff (2014), toda obra audiovisual é uma construção discursiva, atravessada por escolhas estéticas, ideológicas e narrativas. Isso significa que elementos como enquadramento, montagem, iluminação, trilha sonora, atuação e ritmo narrativo operam como recursos que produzem sentidos, orientam percepções e direcionam a forma como o espectador interpreta a realidade representada. Assim, o cinema não apenas retrata o mundo, mas o reconstrói simbolicamente, selecionando perspectivas, invisibilizando conflitos, destacando determinados grupos sociais e oferecendo interpretações específicas sobre fenômenos históricos e sociais.

A utilização de filmes em sala de aula exige compreender que toda obra carrega tensões, disputas e intencionalidades que podem reforçar ou questionar visões hegemônicas. Importante frisar que é papel do professor deslocar o estudante de uma recepção passiva, própria do consumo cotidiano de imagens, para uma postura investigativa, analítica e reflexiva. Cabe ao docente, portanto, realizar a mediação crítica entre o conteúdo disciplinar e o material cinematográfico, articulando conceitos

sociológicos com os modos de representação presentes na obra. Essa mediação envolve problematizar estereótipos, discutir escolhas de linguagem, identificar relações de poder e situar o filme em seu contexto histórico de produção.

Estimular o protagonismo interpretativo dos estudantes implica promover situações didáticas em que eles possam formular hipóteses, comparar pontos de vista, questionar naturalizações e reconhecer a dimensão política do olhar. Mais do que decodificar uma mensagem única, o trabalho pedagógico com o cinema deve favorecer a construção de múltiplas leituras e incentivar a compreensão de que as imagens são sempre produzidas a partir de lugares sociais e interesses específicos. Dessa forma, o audiovisual transforma-se em ferramenta privilegiada para desenvolver competências críticas e ampliar o repertório cultural e analítico dos estudantes, fortalecendo uma educação comprometida com a leitura complexa da realidade social. Essa perspectiva nos conduz diretamente ao debate sobre as pedagogias da imagem, uma vez que a formação de um olhar crítico pressupõe compreender a imagem como dispositivo produtor de sentidos e não como mero suporte ilustrativo.

O conceito de pedagogias da imagem refere-se ao conjunto de práticas, teorias e processos educativos que tomam a imagem, seja ela fotográfica, cinematográfica, digital, midiática, artística ou cotidiana, como mediadora central na constituição do sujeito, do conhecimento e das relações de poder. Diferentemente de abordagens tecnicistas que tratam a imagem apenas como "ilustração", as pedagogias da imagem assumem que ver é sempre um ato político, situado e produtivo, contexto no qual a imagem não reflete apenas a realidade, mas a constrói, organiza e distribui sentidos.

Ao mobilizar recursos audiovisuais em sala de aula, o docente opera uma mediação que ultrapassa o uso ilustrativo do filme. Trata-se de transformar a imagem em problema sociológico, questionando representações, identificando relações de poder, analisando categorias como classe, raça, gênero e geração, compreendendo dinâmicas institucionais, processos de socialização e mecanismos de dominação simbólica. O cinema, nesse sentido, atua como um artefato cultural que permite acessar dimensões da vida social que nem sempre emergem apenas da análise textual.

No contexto contemporâneo, marcado pela ubiquidade das tecnologias digitais, torna-se ainda mais urgente refletir sobre sua presença no cotidiano escolar. Os atuais estudantes, definidos por Prensky (2001) como "nativos digitais", cresceram imersos em ambientes mediados por computadores, jogos eletrônicos, redes sociais e internet.

Assim, o desafio docente não é apenas incorporar tecnologias, mas utilizá-las de modo crítico e pedagógico, explorando suas potencialidades para favorecer aprendizagens significativas. O uso do celular, frequentemente proibido em muitas instituições, pode se tornar um recurso educativo relevante quando orientado por objetivos formativos claros. Segundo o crítico de arte britânico John Berger "A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Nunca olhamos apenas para uma coisa; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos" (BERGER, 1972, p. 8).

A escola, por sua vez, precisa se adaptar aos novos formatos de produção e circulação do conhecimento. Embora o cinema não seja novidade nos processos educativos, sua articulação com a cultura digital e a cibercultura amplia possibilidades de análise e debate sobre fenômenos sociológicos, históricos, filosóficos e geográficos. Como enfatiza Martín-Barbero (2014), compreender a cultura contemporânea implica reconhecer o papel central das mediações tecnológicas na formação de sensibilidades, identidades e modos de interpretar o mundo.

PLANEJAMENTO, REALIZAÇÃO E EMBASAMENTO TEÓRICO

Refletir sistematicamente sobre o currículo, seja no âmbito escolar ou universitário, constitui tarefa fundamental para qualquer docente comprometido com o aperfeiçoamento de sua prática. A constante atualização profissional, associada à reflexão crítica sobre a ação pedagógica, é parte constitutiva do trabalho docente. Nesse horizonte, a incorporação de recursos audiovisuais não é um adendo periférico, mas elemento intrínseco à renovação das práticas educativas e às demandas formativas contemporâneas.

Para a execução deste projeto de extensão, estabelecemos inicialmente contato com docentes da rede estadual do Rio de Janeiro, egressos da Licenciatura em Ciências Sociais da UERJ. Em seguida, realizamos encontros com licenciandos da universidade, com o objetivo de analisar não apenas o contexto social, mas também as condições materiais e simbólicas de diferentes escolas públicas. Reconhecendo que o cotidiano escolar é marcado por tensões, desigualdades e múltiplas formas de opressão, tornou-se essencial promover debates preliminares que permitissem compreender o perfil do alunado e as dinâmicas institucionais que os licenciandos encontrariam. Vale ressaltar que atuamos diretamente na licenciatura em Ciências Sociais da UERJ, responsáveis

por disciplinas da graduação e pela supervisão e orientação de estágios supervisionados destes estudantes no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ).

Nesse processo formativo, a obra de Michel Foucault mostrou-se especialmente profícua. Seu conceito de corpos dóceis (FOUCAULT, 1987), entendido como a produção de sujeitos treinados para absorver normas e orientações sem resistência, possibilita aos licenciandos perceberam como as instituições escolares podem operar como espaços de disciplinamento, vigilância e normalização dos comportamentos.

> O que mais me marcou foi perceber que os estudantes não são sujeitos passivos, mas sujeitos produzidos nessas relações de poder, e também capazes de resistir a elas. Em um dos debates, quando um aluno questionou por que certos comportamentos eram punidos com tanta rigidez enquanto outros eram ignorados, senti um arrepio: era o momento exato em que ele estava percebendo os mecanismos da norma, aquilo que Foucault chama de 'poder disciplinar'. Eu me emocionei, porque ali compreendi que ensinar Sociologia não é apenas transmitir conceitos, mas abrir espaços para que os jovens identifiquem e interroguem os dispositivos que organizam suas vidas" (Estagiária do projeto de extensão Cinema, curta-metragem e o ensino da Sociologia na Educação Básica em 2023).

Muitos dos futuros professores desconheciam a realidade social das escolas públicas, e o debate inspirado na analítica foucaultiana permitiu-lhes problematizar as assimetrias de poder, os mecanismos de controle e as práticas institucionais que estruturam o cotidiano educacional.

Da mesma forma, os aportes teóricos de Pierre Bourdieu foram fundamentais para compreender as relações entre estrutura social, subjetividade e disposições incorporadas. Partimos do conceito de *habitus*, entendido como um conjunto de esquemas duráveis de percepção e ação socialmente constituídos (BOURDIEU; PASSERON, 1982). Discutimos como o *habitus* dos estudantes das classes populares difere substancialmente daquele dos professores formados em universidades públicas, e como essas diferenças incidem sobre práticas pedagógicas, expectativas escolares e formas de apropriação cultural. Assim, refletimos sobre o desafio de trabalhar produções audiovisuais com estudantes com acesso limitado a filmes, cinemas ou espaços de fruição cultural, justamente, por isso, sujeitos que mais se beneficiam desse tipo de intervenção pedagógica.

> “Cada roda de conversa me marcou de um jeito diferente. Os estudantes, muitas vezes vistos como ‘desinteressados’, mostravam um olhar crítico e maduro quando se sentiam respeitados. Em uma das atividades, depois de um curta-metragem, uma aluna compartilhou sua história com uma coragem que me deixou curioso. Naquele momento eu percebi que o cinema não era só um recurso pedagógico; era uma ponte para a vida real. Voltei para casa com a sensação de que escolhi a profissão certa” (Estagiário do projeto de extensão Cinema, curta-metragem e o ensino da Sociologia na Educação Básica em 2025).

Ao revisitar “A reprodução”, obra clássica de Bourdieu e Passeron (1992), reforçamos a compreensão de que a escola, em sociedades estratificadas, tende a privilegiar e legitimar os capitais culturais das classes dominantes, naturalizando desigualdades classificatórias por meio de critérios aparentemente neutros. A instituição escolar, longe de ser um espaço homogêneo, é atravessada por mecanismos de seleção simbólica, que valorizam determinados modos de falar, vestir e agir, ao passo que desqualificam repertórios culturais populares.

Desse modo, como destacam Álvares e Pinheiro (2014), a escola atua como reprodutora da ordem social, contribuindo para a manutenção das assimetrias de classe. Ainda assim, defendemos que essa dimensão reprodutiva não inviabiliza o potencial transformador da educação, sobretudo quando práticas pedagógicas críticas buscam tensionar e redefinir esses limites.

A partir dessa base teórica, a fase de planejamento do projeto considerou aspectos essenciais para o uso de filmes, documentários e curtas-metragens no ensino. A seleção do material audiovisual deve sempre manter relação orgânica com o conteúdo curricular, evitando escolhas arbitrárias ou meramente motivacionais. A apresentação contextualizada da obra, o esclarecimento de sua sinopse e a explicitação de seu vínculo com os objetivos pedagógicos são estratégias fundamentais para enriquecer o processo formativo. Embora muitos docentes optem por filmes recentes, produções nacionais ou títulos amplamente difundidos pela indústria cultural, é importante reconhecer que documentários e obras menos comerciais podem oferecer densidade analítica e ampliar repertórios socioculturais, mesmo que inicialmente gerem estranhamento no alunado.

Apesar do potencial pedagógico do audiovisual, enfrentamos obstáculos concretos durante o desenvolvimento do projeto. A carência de infraestrutura tecnológica em algumas escolas, com equipamentos obsoletos, ausência de projetores, falhas de rede elétrica, indisponibilidade de caixas de som, evidencia desigualdades que impactam diretamente a prática docente. Não são raros os contextos em que a escola sequer dispõe

ISSN: 2358-8829

de aparelhagem audiovisual adequada, o que reforça as assimetrias estruturais já discutidas anteriormente.

Diante desse cenário, buscamos construir uma proposta metodológica que dinamizasse a formação inicial em Ciências Sociais, integrando o uso de produções audiovisuais às discussões teóricas das humanidades. Ao promover a articulação entre universidade e educação básica, o projeto busca: (i) ampliar o repertório pedagógico dos licenciandos; (ii) fortalecer o diálogo entre pesquisa acadêmica e práticas escolares; (iii) socializar a produção cultural universitária; e (iv) inserir no cotidiano escolar debates teóricos por meio do cinema, seja documentário, ficcional ou de curta duração. Assim, consolidamos uma prática formativa que reconhece, no audiovisual, não apenas um recurso didático, mas uma ferramenta crítica de leitura do mundo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de recursos audiovisuais na educação básica amplia o repertório analítico dos estudantes e favorece a leitura crítica da realidade social. Filmes, vídeos e documentários, quando integrados a práticas pedagógicas planejadas e fundamentadas teoricamente, articulam conceitos e experiências concretas, contribuindo para desnaturalizar fenômenos sociais, compreender sua historicidade e identificar relações de poder, desigualdades e mecanismos de dominação.

Nesse processo, o professor desempenha papel fundamental ao promover o diálogo, a participação ativa e estratégias metodológicas inovadoras. Como destaca Pischetola (2016), essas práticas contribuem para superar o tédio e a baixa identificação dos estudantes com os conteúdos tradicionais das humanidades. Além disso, o potencial interdisciplinar do audiovisual permite articular diferentes áreas do conhecimento e questionar discursos hegemônicos. Conforme Apple (2006), o currículo constitui um campo de disputas em torno de projetos de sociedade, formação e memória coletiva.

Assim, o audiovisual ultrapassa sua função de recurso didático complementar, assumindo uma dimensão política e epistemológica. Seu uso crítico amplia os horizontes culturais e cognitivos dos estudantes, estimula capacidades interpretativas e argumentativas e possibilita problematizar representações, identidades e silenciamentos.

Dessa forma, contribui para uma educação pública democrática e emancipatória, comprometida com a formação integral, crítica e socialmente engajada dos sujeitos.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Audiovisual; Cinema na Educação; Formação Docente; Extensão Universitária.

REFERÊNCIAS

ALVARES, C. C. O. T.; PINHEIRO, A. Da escola e democracia de Demerval Saviani à educação para a democracia de Vitor Paro: questões sobre a função da escola e da educação da Antiguidade até a contemporaneidade. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia: Centro Científico Conhecer, 2014.

BERGER, John. **Ways of Seeing**. London: Penguin Books, 1972.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução.** 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: Sociologia. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CANDAU, V.; SACRISTÁN, J. G. **Currículo**: uma reflexão sobre a prática. 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ENGERROFF, A. M. B. et al. Estudo da ferramenta cinema presente nos livros didáticos de Sociologia. Mosaico Social, **Revista do Curso de Ciências Sociais**, UFSC, 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MORAES, A. C.; GUIMARÃES, E. F. Metodologia de ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM – Sociologia. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção explorando o ensino**. Brasília: MEC, 2010.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

PISCHETOLA, M. **Inclusão digital e educação.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants.** On the Horizon, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

ISSN: 2358-8829